

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: DISCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS

CASTRO, Rodrigo Inacio¹; RODRIGUEZ, Rita de Cássia Cóssio².

¹Graduando de Ciências Biológicas, Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cognição e Aprendizagem/ Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

² Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas, Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cognição e Aprendizagem/IB/UFPEL e-mail: rita.cossio@ig.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir objetiva demonstrar a comunidade acadêmica a possível e necessária interface entre a psicanálise e a educação, com reflexos nas práticas educacionais de crianças e adolescentes. Entende-se por práticas educacionais não somente metodologias de ensino/aprendizagem, mas também a interação professor-aluno e suas conseqüentes transferências e contra-transferências. Segundo Shirahige & Hoga (2004) “hoje essa relação pode variar entre a devoção e a admiração mais afetuosa até a inimizade e a hostilidade mais acirrada”.

Das heranças teóricas Freudianas e Lacanianas diversos autores se aventuraram em propor e discordar da intersecção Psicanálise-Educação, entre eles destacam-se nomes como Millot que afirma que “a Psicanálise não pode interessar à Educação salvo no próprio campo da Psicanálise, isto é, pela psicanálise do educador e da criança”(MILLOT, 1987) e Kupfer (1999), que contesta Millot demonstrando uma possível interação entre psicanálise e educação, entretanto grifa a impossibilidade de uma aplicação direta da primeira. Kupfer afirma ainda que a psicanálise pode contribuir de forma a “clarear” os métodos educacionais (a essa ideia gerou-se o conceito de clareagem).

Nesse intervalo de tempo, surgiram na França, Argentina e Brasil, entre outros países, experiências que, a primeira vista, parecem contradizer aquelas afirmações, pois visam a algo mais do que uma iluminação intelectual da Psicanálise sobre a Educação (KUPFER, 1999).

As primeiras contribuições para tal interação foram dadas por J.C Hill que em seu livro “O ensino e o inconsciente” Anna Freud destaca alguns princípios da preferência de J.C Hill:

O inconsciente da criança (entende-se criança como ser em desenvolvimento, não somente a criança propriamente dita), sendo esse o material principal que o professor tem que lidar. O desejo de investigar (aprender), devendo ser sempre estimulado pelo professor. O intelecto da criança, concluindo com os Instintos hereditários, esses comportamentos sempre sublimados a interesses educacionais (ANNA FREUD, 1970).

Outro aspecto interessante a ser analisado é que a educação em seus primórdios era baseada em um fundamentalismo religioso, ou seja, completamente contra os princípios psicanalíticos de libertação e exploração dos instintos e desejos do aluno. “A educação para a realidade, que Freud “iludiu”, poderia ser pensada como uma educação além do justificacionismo pedagógico de cunho moral-religioso hegemônico na sua época” (LAJONQUIÈRE, 1999). Leandro Lajonquière afirma que Freud estaria esperando apenas uma educação libertada das doutrinas religiosas, compreendendo-a como uma educação construtivista do ser humano, permitindo o emprego dos recursos teórico-conceituais da Psicanálise na educação. Atualmente

os “novos professores”, em formação, se mostram cada vez mais interessados por uma educação construtivista, preocupados não só na transmissão de conceitos, mas também com o processo da constituição do sujeito aluno e de sua subjetividade.

Não prolongando a discussão entre a possível aproximação da Psicanálise e Educação, muito bem argumentada por inúmeros autores, gostaria de propor no presente trabalho pontos importantes nos quais as teorias psicanalíticas podem contribuir com a educação na contemporaneidade.

REFLEXÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

Em psicanálise o tratamento é essencialmente ao sujeito e para o sujeito analisado, entretanto a educação tem cada vez mais demonstrado métodos lógicos e cognitivos de “tratamento em massa”, dessa forma conceituando o sujeito aluno como o coletivo aluno. Ao analisarmos essa situação torna-se visível a necessidade de considerar a subjetividade para que haja uma compreensão da *estrutura da personalidade* do indivíduo, bem como o *desenvolvimento da sexualidade infantil* explanado por Freud e seus seguidores. Dentro da estrutura da personalidade foram identificadas três instâncias que se relacionam entre si para a formação do indivíduo: *ID, EGO e SUPEREGO*.

Ao professor cabe saber da existência de tais instâncias e respeitar, assim como auxiliar o desenvolvimento dessas nos alunos, sempre lembrando a individualidade dos sujeitos. Outro aspecto de extrema importância é a compreensão sobre as fases do desenvolvimento sexual infantil. Cada fase possui características que as distinguem umas das outras e, por consequência, os impulsos dos alunos são diferenciados.

“*O mundo contemporâneo leva as pessoas a viverem situações com altas doses de ansiedade*” (SHIRAHIGE & HOGA, 2004), a adolescência também influencia para o acúmulo dessa tensão nos alunos. A principal função de tal tensão é alertar o “EU” (ego) para situações de perigo, sendo necessária para o desenvolvimento psíquico. Dentro dessa temática foram descritos por Freud alguns *mecanismos de defesa do EGO*, ocorrendo de forma inconsciente nos indivíduos. Após um estudo mais detalhado desses mecanismos podemos identificar que alguns são importantes para a relação Psicanálise-Educação. *Formação reativa* é um mecanismo pelo qual expressam-se sentimentos opostos ao sentimento que produz ansiedade, “*assim, um adolescente pode mostrar-se hostil a uma colega, objeto de amor não correspondido*” (SHIRAHIGE & HOGA, 2004). O conhecimento da produção de formação reativa possibilita que professores possam entender certas atitudes de seus alunos e assim agir frente a uma ação que outrora seria vista como simples algazarra.

A vida social que a escola possibilita para seus integrantes é possivelmente o maior aprendizado que os alunos podem adquirir ao longo do tempo. Através da convivência aprendemos a respeitar as individualidades, dessa forma podemos desenvolver futuras atividades profissionais “socialmente corretas”. Freud, com o conceito de *sublimação*, apresentou o mecanismo de defesa do EGO que podemos considerar uma das funções fundamentais da escola, a de promover a socialização. “*O termo sublimação designa o mecanismo pelos quais certos impulsos inconscientes são desviados de seus objetivos primitivos para fins socialmente úteis e integram-se à personalidade*” (SHIRAHIGE & HOGA, 2004). Então, através da compreensão do conceito de sublimação e de sua importância, os professores podem canalizar as pulsões destrutivas dos alunos para fins produtivos nas

atividades escolares, socialmente valorizadas. Ao propor situações possíveis de sublimação dos impulsos o professor perde a posição de opressor da subjetividade de seus alunos e por outro lado pode permitir o encaminhamento dessa energia proveniente do sujeito em questão.

Existem muitos outros mecanismos de defesa do EGO que poderiam ser entendidos pelos professores, porém vamos limitar nossa análise apenas a formação reativa e sublimação devido à extensão do assunto e a importância desses.

A estrutura da personalidade envolve três instâncias, sendo que duas delas envolvem dois processos de grande importância para o entendimento do psiquismo. O ID é, como chamou Freud, a verdadeira realidade psíquica, ou seja, a instância do instinto do prazer imediato, do “desejar”, atuando sempre para a satisfação desse desejo. O ID é, então, responsável pelo processo primário, que reduz as tensões do indivíduo, caracterizando o *princípio do prazer*. Em contrapartida possuímos o EGO, que é responsável pela realidade, sendo, assim o componente da personalidade. O EGO mais que desejar de forma instintiva, faz a mediação da realidade dos desejos do sujeito, atuando no processo secundário, caracterizando o *princípio da realidade*. Se pararmos para analisar a escola em que nossos pais e avós estudaram fica claro para o leitor onde quero chegar, as escolas possuíam metodologias que instigassem o princípio de prazer? E as escolas atuais têm? E até que ponto a vivência do princípio do prazer, sem o barramento da realidade, também não produz desequilíbrio?

Através desses conceitos fica evidente a necessidade de tornar mais prazerosa as atividades escolares, sempre buscando o equilíbrio entre prazer e realidade, pois uma personalidade centrada no princípio de prazer da mesma forma que o indivíduo oprimido torna-se doentia.

Deslocando-se da esfera Freudiana, vamos entrar em alguns conceitos de Lacan, que revisou os conceitos freudianos, quando apresenta a compreensão de ideal-do-eu e eu-ideal. Cabe aos professores, entender a relação ideal-do-eu para seus alunos. Em uma relação de aprendizagem o professor deve transmitir o ideal de sua própria subjetividade para que ocorra a interação de identificação denominada de transferência; um erro muito comum dos profissionais da educação é transmitir o eu-ideal, ou seja, o professor demonstra que sabe o que é melhor para seus alunos, sem levar em consideração a individualidade dos mesmos. “*A filantropia apresenta um Outro não-castrado, um outro que não se apresenta como ideal-do-eu, mas sim como eu-ideal e por isso coloca o sujeito no impasse “ ou eu ou o outro” (BECKER, 1999).* Vale à pena lembrar que a transmissão só ocorre quando o sujeito, Eu, possui o desejo de aprender o que se é transmitido, dessa forma se estabelece uma relação de causa-conseqüência.

INDIVIDUALIDADE ATRAVÉS DA DIVERSIDADE

Ao longo do presente trabalho descrevi algumas contribuições da psicanálise para as relações escolares, principalmente no que tange a interação Professor-aluno, porém nada impede de que as mesmas possam analisar e apoiar outras relações como Diretor-aluno, Funcionário-aluno ou ainda Direção-funcionário, pois toda a relação entre sujeitos não se dá exclusivamente no plano objetivo, mas principalmente, em nível inconsciente. Dessa forma, quero dizer, que a psicanálise se presta amplamente para as influências recíprocas de qualquer característica, permitindo aos indivíduos constituírem os grupos, nesse caso o grupo escolar, e que consiste no fato de que o comportamento de cada indivíduo se torna estímulo para

outro. Entretanto, sabemos que cada sujeito possui sua *individualidade*, e como já dito sua subjetividade, torne-se indispensável a compreensão e o manejo de cada característica do desejo individual dos alunos, professores e funcionários.

Se cada indivíduo possui sua individualidade, seus desejos e sua singularidade é evidente que existe uma grande diversidade de características, mesmo dentro de um pequeno grupo como uma sala de aula. Cabe ao professor alvitrar diferentes propostas de trabalho, para que assim encontre a diversidade da turma. Ao oferecer uma aula sobre certo conteúdo deve-se levar em conta diferentes “tipos” de alunos. Porém, gostaria de ressaltar um grande erro muito comum nas escolas, a tendência de professores, diretores e funcionários de rotular turmas e de estigmatizar alunos. Ao realizar a investigação da diversidade dos indivíduos o professor se direciona ao sujeito aluno e não ao “coletivo aluno”, do contrario estaríamos nos distanciando do norte que nos aponta a Psicanálise, o tratamento é essencial ao sujeito e para o sujeito.

Enfatizo a importância da *escuta*, onde o professor pode intervir, quando necessário o seja, ao perceber sintomas de ansiedade em seus alunos, porém não de forma invasiva, mas oferecendo-se a simplesmente escutá-los. Acredito que a educação tem se tornado cada vez mais *humana* e estamos caminhando para chegar a uma relação mais do que de Professor-aluno, mas sim de dedicação recíproca em sala de aula.

CONCLUSÃO

Para concluir salienta-se a importância da compreensão de conceitos psicanalíticos que oportunizem a “clareagem” do professor, muito acima de efetivar, ou não, a possível união Psicanálise-Educação. Entende-se que as relações descritas no presente trabalho estão em contínuo acontecimento nas escolas e cabe ao professor ter o conhecimento de tais fenômenos para melhor compreensão das relações e singularidades dos alunos, assim como de todas as demais relações expostas.

REFERÊNCIAS

- CARRARA, Kester. **Introdução à Psicologia da Educação: Seis Abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.
- HILL, J.C. **O ensino & o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago editora LTDA, 1971.
- KAHN, Michael. **Freud Básico: Pensamentos psicanalíticos para o século XXI**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- KUPFER, Maria Cristina M. Freud e a educação, dez anos depois. **Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre. n.16, p. 14-26, 1999.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. Freud, a educação e as ilusões (Psico) pedagógicas. **Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre. n.16, p. 27-38, 1999.
- BECKER, Ângela Lângaro. Agressividade em Psicanálise: Articulações com a educação. **Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre. n.16, p. 66-74, 1999.